



# II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

## ENTRE O PARAÍSO E A CIDADE REAL: OS PARADOXOS DA VIOLÊNCIA URBANA NA BARRA DA TIJUCA<sup>1</sup>

Mônica SOUSA<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, RJ

### RESUMO

A violência urbana e a insegurança nas grandes cidades reconfiguram os espaços urbanos e incitam os indivíduos a se refugiarem na “segurança e no conforto” dos condomínios fechados. Ao mesmo tempo, a cidade existe pela mistura, pela abrangência do diferente. O trabalho propõe discutir maneira como a imprensa representa as narrativas urbanas de violência, no caso específico da doméstica espancada por moradores da Barra da Tijuca, em junho de 2007.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Cidade; Violência Urbana.

### Introdução

“A ciência eliminou as distâncias. Dentro em pouco o homem poderá ver o que acontece em qualquer lugar da terra, sem sair de sua casa”. (Garcia Marques, 2001)

Estar entre o bem e o mal da sociedade são concepções que, além de subjetivas, invocam escolhas de posicionamento. O grande mérito, e daí a dificuldade de polarizar a sociedade, seria saber com precisão o que pressupõe estar em um ou noutro. E é esse um dos grandes questionamentos da contemporaneidade. A cidade é pulsante, um emaranhado de misturas, de cores, de formas e de saberes. Restringir seu conceito a termos como bom ou ruim, lado do bem e lado do mal, é limitar sua característica primordial de abarcar o múltiplo e ser concebida como tal justamente pela incompatibilidade. Na contemporaneidade, sem nos ater aos conceitos divergentes de moderno e pós-moderno, temos um outro jeito de experimentar a cidade e o diferente que nos esbarram nas calçadas, nos transportes coletivos ou no trânsito, mesmo que com a janela como limite. A cidade é feita e concebida pela mistura, pelo diferente e, muitas vezes, por aquilo que fica relegado a uma falsa “exclusão”.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no II Seminário Interno PPGCOM UERJ – Grupo Temático: Mídia e Poder.

<sup>2</sup> Mestranda do curso de Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, email: sousamonica@hotmail.com



## II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

Para Ítalo Calvino (2003) todas as cidades são parte de uma mesma cidade. Caracterizá-las e defini-las depende das lembranças de cada viajante e dos detalhes que as diferenciam. Os monumentos, as construções e os emblemas estão presentes em todas elas. Sejam as estátuas, que réplicas, invocam o espírito de outras metrópoles sejam as modas das mulheres que se repetem pelas estações do ano. Ou, como é o caso deste trabalho, sejam os meios de comunicação. Entender a representação da cidade pelos relatos produzidos pela imprensa é uma das maneiras de compreender a própria cidade, sem deixar de perceber que essa perspectiva é apenas um lado do emaranhado de histórias possíveis. Tais histórias nas grandes cidades brasileiras se prolongam em inúmeros aspectos, tais como: urbanismo, transporte público, política, violência, educação, saneamento, lazer, economia, saúde, espaço público e moradia. Todos esses aspectos são abordados tanto na mesa de um bar do subúrbio e nas rodas de intelectuais quanto nas edições diárias dos veículos da imprensa e nas propagandas eleitorais. Como um produto cartersiano, esses enfoques criam a “cara” da cidade que, ao contrário da concepção de partida, mistura nos seus pontos de interseção cada um desses enfoques.

É a partir dessa concepção que o trabalho que aqui se projeta toma como ponto de partida a representação da violência na Barra da Tijuca pelos jornais O Globo e Jornal do Brasil. Ao mesmo tempo que propomos compreender a representação, o objetivo é relacionar de que maneira a violência urbana cria bairros privados residenciais, que entretanto, não estão além do bem e do mal que caracteriza a cidade.

Ao propor um estudo sobre a representação da violência na Barra da Tijuca por dois tradicionais jornais cariocas – ambos com participação ativa na história do jornalismo brasileiro e de importância nacional – buscamos entender como os dois veículos retratam a violência produzida pelo bairro (considerando os moradores como agentes da ação violenta) e ocorrida nos limites da recente área nobre da cidade. Sem dúvida há múltiplos aspectos nessa representação, entretanto nosso trabalho se limita ao caso da doméstica Sirley Dias Carvalho, espancada por jovens moradores do bairro em junho de 2007, fato que alcançou repercussão nacional.

Na madrugada de 23 de junho de 2007, Sirley Dias Carvalho de 32 anos foi espancada em um ponto de ônibus na Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio. Os acusados da agressão foram cinco moradores do bairro: Felipe de Macedo Nery Neto (20),



## II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

Leonardo Andrade (19), Júlio Junqueira (21), Rodrigo Bassalo (21) e Rubens Arruda (19). De acordo com o registro de ocorrência feito na 16º Departamento de Polícia (DP – Barra da Tijuca), divulgado pela imprensa, Sirley estava no ponto de ônibus na Avenida Lúcio Costa às 4h50, quando foi agredida. Os agressores foram identificados a partir da placa do carro, anotada por um taxista que presenciou o crime. Além da agressão foi registrado também o roubo da bolsa de Sirley.

O episódio foi escolhido por apresentar algumas características relevantes para a pesquisa. Em primeiro lugar por se tratar de uma notícia de violência relacionada à Barra da Tijuca, mas principalmente por ser cometida por moradores do bairro. Em segundo, por ter tido grande repercussão no país, embora se tratasse de um caso de violência urbana no Rio de Janeiro. Houve protestos na internet, cobertura dos principais jornais e revistas do Brasil e várias reportagens sobre problemas familiares, preconceito e impunidade foram veiculadas a partir desse caso. Além disso, o assunto trouxe à tona vários outros casos de violência com as mesmas características: jovens de classe média que cometem crimes.

Embora nossa pesquisa não vá se ater à questão econômica, será relevante para entender as representações que serão apresentadas e a maneira como o assunto será tratado pela mídia. Foram selecionados dois meses das edições de O Globo e Jornal do Brasil (JB). A escolha dos dois jornais não pretende uma pesquisa comparativa, mas sim para que a abordagem tenha uma média das notícias. Ambos os jornais são uns dos mais tradicionais na cidade e, embora recentemente tenham se diferenciados pelo preço e formato, atendem a um mesmo público.

As análises que nos interessam dizem respeito às representações veiculadas pelos meios de comunicação sobre o crime ter sido cometido na Barra da Tijuca. Não nos interessa tentar compreender as motivações dos criminosos, ou discutir se a conduta da imprensa foi ou não imparcial. O que buscamos compreender é o processo de produção de uma rede de significações sobre a violência e sobre a Barra da Tijuca, que envolve as afirmações selecionadas na publicação da matéria, a forma de construir o texto, e principalmente, o conteúdo explícito (e, portanto, dito) nas reportagens.

Ao optarmos pela análise, pretendemos extrair conclusões relativas à sociedade a partir de uma pesquisa na imprensa, considerando os media como espelhos sociais de



## II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

um país e responsáveis pelas modificações de pensamento e de conduta onde a mesma sociedade se transforma. Para Kienz,

(...) toda a mensagem é um reflexo do estado daquele que a emite e um meio que permite atuar sobre aquele que a recebe, influenciá-lo. As mensagens dos media são, simultaneamente, a expressão de uma cultura e o instrumento que a modela. (KIENZ, 1973, 116)

Para o autor, o aparente mosaico das notícias veiculadas na imprensa, na realidade está estruturalmente organizado, tanto na escolha das notícias, quanto na edição da página que a comporta. Seguindo o grau de noticiabilidade e de narrativa da imprensa, o assunto seguirá por várias “histórias paralelas” à agressão em si mesma, que garantem fôlego para que a notícia não perca seu interesse. Por isso, as manchetes podem nos assegurar quais os recursos usados para as suítes que se prolongam ao longo das semanas. Por elas, são criadas novas narrativas e personagens, e é por elas que podemos entender como se constrói a mensagem que se passa sobre o crime. Tal prática do jornalismo segue a tendência do ávido leitor por novidades. É por conta dessa prática de criar novos enredos ao fato que nos pautaremos também para compreender qual a representação da violência na Barra da Tijuca. Para esse aspecto, criaremos uma categoria de análise das narrativas e os personagens que as compõem.

A análise dos dados coletados das notícias veiculadas sobre a violência ocorrida na madrugada do dia 23 de junho de 2007<sup>3</sup> não tem como fundamento juízos morais, seja de indignação seja de reprovação. Nosso objetivo não busca uma condenação arbitrária do objeto, mas entender de que maneira a cidade e a comunicação se relacionam, nesse caso específico, como o novo conceito de “cidade paraíso” se arrola com a cidade “real”. Não podemos dizer que não há julgamento, já que ao assumir a subjetividade estamos expostos, mesmo que numa tentativa de minimizar, às interações cerebrais e culturais em conjunto. Entretanto não fugimos ao conflito. Procuramos com ênfase a compreensão de um objeto fundamental para entender a sociedade contemporânea de uma das maiores cidades brasileiras.

Ao optarmos pela imprensa como objeto de estudo da representação da violência na Barra da Tijuca, levamos em conta a capacidade da comunicação de massa de

---

<sup>3</sup> Nossa análise se inicia no dia 25 porque foi o primeiro dia que o jornal veiculou a notícia. Como o fato aconteceu na madrugada do dia 23, os jornais só noticiaram na segunda-feira seguinte, dia 25.



## II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

transmitir linguagem e idéias. A difusão dos pensamentos perpassa o social e influencia o consenso e a polêmica. Concomitantemente, o jornalismo é um baú de análise do social porque reflete um momento e a própria sociedade, fornecendo-nos acesso a idéias pertinentes a vida prática e afetiva dos grupos. Os media são retratos da sociedade, e é esse ponto no qual se estrutura nossa pesquisa e escolha do objeto de representação.

Assim como Durkheim justifica seus estudos da religião (1983) não como uma busca pelo bizarro, nossa análise da violência na Barra da Tijuca não se prima pelo *fait divers*, pelo escatológico ou singular que o sensacionalismo da imprensa muitas vezes engendra. Não estaremos nos aprofundando nesses questionamentos, mas antes utilizamos as notícias para pensar a cidade contemporânea e as relações entre os indivíduos e a violência, a partir da realidade próxima.

Nossa análise estará baseada no recorte cultural, na qual estaremos abordando a pesquisa a partir das ciências sociais que nos permitirão compreender as análises qualitativas - objetivo do trabalho para conhecer tal representação. Além disso, como nos atemos ao conteúdo exposto, consideramos que os sinais emitidos na mediação leitor-veículo sejam armazenados no repertório subjetivo do leitor, além de evitamos uma maior interpelação subjetiva, que se encontra entre as problemáticas do pesquisador. Diz Morin: “a consciência é extremamente frágil; o espírito humano sabe rejeitar o que lhe é desagradável e selecionar o que lhe satisfaz”. (2005, 65).

### **A cidade como palco da comunicação**

“A ciência eliminou as distâncias. Dentro em pouco o homem poderá ver o que acontece em qualquer lugar da terra, sem sair de sua casa”.  
(Garcia Marques, 2001)

As cidades se configuram como um dos importantes cenários e conjunturas dos meios de comunicação, representadas tanto na sucessão de notícias veiculadas pela imprensa, quanto pelas produções midiáticas voltadas ao entretenimento. São nesses contextos que podemos relacionar como diretamente proporcionais o desenvolvimento e a expansão da cidade às mudanças das tecnologias informacionais e de comunicação. A troca de experiências, a proximidade entre os indivíduos e os deslocamentos espaço-



## II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

temporais são responsáveis pelas reconfigurações assumidas pelas cidades. É desta maneira, que várias “Macondos”<sup>4</sup> se convertem em espaços-mundo.

Esse ritmo acelerado garante à cidade um caráter de videoclipe, na qual se articulam os diversos modos de vida e os múltiplos imaginários urbanos. Beatriz Jaguaribe em “Fins do século – cidade e cultura no Rio de Janeiro”(1998) parte da metáfora do videoclipe de Canclini para representar o espaço de ruído e imagens. “Na cidade como videoclipe, a velocidade e a acumulação desbaratada de imagens inibem a pausa do congelamento e da sedimentação da própria imagem.” (idem, 168).

Esse desbaratamento não implica ou invalida os agenciamentos humanos – e aí temos os paradoxos das grandes cidades – mas ao contrário promove a “plasticidade dos imaginários”, veiculados pelos meios de comunicação, transcritos nas crônicas dos jornais cariocas e expressos nas práticas comunitárias. Podemos então, a partir dessa perspectiva, entender que as novas tecnologias asseguram à cidade o papel de mais um agente, o que Jaguaribe chama de “ponto luminoso”, dos meios de comunicação. No artigo “A Comunicação sem fim” (2004), Michel Maffesoli enfatiza o poder da comunicação na sociedade da informação, entretanto ressalta que mais importante que os veículos, nesse processo, implicam fundamentais a partilha cotidiana de emoções e de pequenos acontecimentos.

Em “Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem” (s/d), McLuhan propõe que o meio é a própria mensagem. Podemos, a partir dessa análise, compreender de forma tangível como a cidade é parte fundamental do próprio homem, uma extensão de si mesmo. Para o autor, o conteúdo das mensagens se torna outro meio de comunicação, numa resignificação contínua que se manifesta nas ações humanas. A cidade, como entidade orgânica e mutável, é parte do homem, à medida que se torna conteúdo de suas relações e interações. Como conteúdo, a cidade se reinventa numa rotina infinita de novos nós, novas redes de sentidos. O autor defende a cidade como novo meio de comunicação utilizando como exemplo a disseminação das ferrovias, que ampliou e acelerou novas escalas das funções humanas.

### A cidade na representação dos meios

---

<sup>4</sup> Macondo é o nome da cidade na qual se passa o romance “Cem Anos de Solidão” de Gabriel Garcia Marques.





## II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

Retratar a cidade sempre esteve entre as muitas habilidades humanas, sem que isso significasse necessariamente uma tentativa artística. Nas telas renascentistas, o olhar humano se destaca pela forma que vê. A perspectiva coloca o homem no centro das questões da cidade e intrinsecamente no cotidiano que a recria sucessivamente. Mas não são somente as pinturas que retratam o habitual. Os muros, os impressos, as anedotas, o diz-que-diz, entre outros componentes das relações humanas, compõem o imperativo fluido da cidade, e instituem as significações que distinguem as urbes, que no amálgama desses nós toma sua personalidade, sua representação.

Essas experiências da vida comum se desdobram em sentidos do saber fazer, do saber falar e saber viver, e se constituem no cotidiano plural do homem comum. A multiplicidade desse homem desenvolve a cidade e faz dela a arena da experimentação e da prática, que juntas fomentam a sabedoria urbana, que não se avalia por boa ou má, mas que se faz existente e se auto-regulamenta. Para Beatriz Bretas (2006), as relações existentes em diferentes espaços sociais contêm elementos contraditórios que efetivamente são a base da vida diária. Apesar das ordenações, o dia-a-dia “permite práticas de desvios e a diversidade de experiências. O cotidiano é, em si, uma maneira de experimentar a vida” (idem, 32).

É essa maneira de experimentar que a autora aponta para a capacidade dos meios de comunicação de criar e manter vínculos, elos materiais que viabilizam o contato e o intercâmbio entre os sujeitos. Nessa interação pessoas/mídia, os meios de comunicação aparecem como constituintes da sociedade. Inseridos na dinâmica social, os meios não só reproduzem o cotidiano, como o compõem, são partes de uma grande teia de informação, de onde não só se apóiam, mas extraem sustento.

Em “A Invenção do Cotidiano”, Michel de Certeau (2004) concede à cidade a capacidade de destruição e reconstrução. Formada pelo que ele define como “praticantes”, os sujeitos da cidade são caminhantes, pedestres que formam o cheio e o vazio do “texto urbano” (idem, 171). Os entrelaçamentos e deslocamentos reescrevem indefinidamente a cidade; criam e recriam constantemente novas relações e uma cidade diferente a cada instante. Essas construção e reconstrução obedecem a uma lógica e racionalidade próprias, como no texto “O Emblema da cidade” (Kafka, 1987). Ao descrever a interminável construção da torre de Babel, o autor ressalta a sucessão de



## II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

gerações que reestruturam o espaço e alteram os significados. A cidade, os sujeitos, os modos e as configurações se reinventam. “(..) deve-se antes admitir que a geração vindoura, com seus conhecimentos, aprimorados, ache ruim o trabalho da geração passada e o ponha abaixo para construir um novo”. (idem, 31).

A mesma desordem da vida cotidiana é apontada por Maurice Mouillaud (2002), que a analisa como uma confusão em que tudo ocorre, submetida a incessantes metamorfoses. E os meios de comunicação, continua o autor, selecionam as informações desse mesmo cotidiano e interligam os nós das redes do que ele chama de “tecido existencial”. Produtores e produtos da realidade social, os media são as mensagens, assim como define McLuhan, que dão forma e sentido aos acontecimentos cotidianos. Na sua análise da imprensa, Mouillaud propõe o conceito de dispositivo. Para ele, os dispositivos são séries de elementos que preparam o sentido. Não é possível pensá-los como algo fechado, limitado. Não é o papel do jornal, a foto, a legenda, a diagramação ou o texto o que determina a acepção da mensagem. Ao contrário, os dispositivos são encaixados um no outro, como uma teia. Não se trata de pensá-los superiores, antecessores ao texto, como se este estivesse subordinado. É um conjunto de múltiplos sem que a hierarquia os oponham.

Retratos do cotidiano, os jornais como dispositivos enquadram as práticas sociais, priorizando e descartando certos personagens. É a partir dessa concepção que podemos pensar na maneira como o próprio cotidiano é construído pela mídia. Os recortes optam por determinados assuntos, fatos e personagens em unidades de tempo e espaço. Assim os jornais representam o cotidiano. Recortes, escolhas e representações que mediam a relação cidadão e cidade.

Mas não se trata apenas de encarar a imprensa como uma reprodutora incólume dos hábitos do homem comum, daquele que pode ser todos e ninguém ao mesmo tempo. Como já discutimos, a imprensa faz parte da imensa rede sócio-urbana. E, portanto, ela não só compõe como também interliga fios e se transforma em mediadora entre os homens e o compreender e viver a cidade. Ao revelar a cidade e seus hábitos, a mídia exerce o papel de condutora da memória da sociedade (Canevacci, 2005), ao mesmo





## II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

tempo em que cria padrões de estereótipos, falas do crime<sup>5</sup> (Caldeira, 2000), quebrados pela anomia do diferente e inesperado.

No texto de Mouillaud (2002) encontramos então que a representação não esta alojada no objeto (informação), mas presente no conjunto de dispositivos técnicos, sociais, econômicos, políticos. Por isso, pensar o real é considerá-lo “aquilo que, em cada lugar, a referência a um outro faz acreditar” (Certeau 2004). Ao expor teorias para essa pesquisa, estamos temos a mesma performance da imprensa em tentar criar um real. Nosso suporte técnico são as referências destacadas, o caminho que traçamos entre as teorias para que estejam ordenadas e façam sentido – dentro do ponto de vista de sentido que se queira criar. Na sociedade contemporânea, há uma harmonia entre o ver e o crer. Como extensões do nosso corpo (McLuhan, s/d), os meios de comunicação simbolizam nossas funções óticas, e simultaneamente se baseiam no elemento visto, observado e mostrado.

Para exemplificar esse caráter do observador como “construtor” da sua realidade, podemos nos utilizar dos diálogos entre Marco Polo e Kublai Khan, em Cidades Invisíveis (2003). Ao descrever as cidades, Marco Polo destaca que jamais se deve confundir a cidade com o discurso que a descreve, embora haja uma estreita relação entre eles. É preciso descrever as singularidades que diferem as cidades, no entanto os discursos nunca a retratam fielmente porque é fluida e sua imagem é particular a cada um que a vê.

### **O medo nas grandes cidades**

E justamente a falta de um conhecimento prévio sobre os acontecimentos que estrutura a origem do medo, de acordo com Baumam (2008). Para ele, o medo é a falta de motivos claros, algo sem endereço nem explicação visível. É o escuro da idade das trevas – que se prolonga na contemporaneidade com novas características. É a dúvida do que se vai encontrar, daquilo que está à espreita (ou apenas é a sensação de que há algo latente); “medo é o nome que damos a nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que dever ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou

---

<sup>5</sup> Em Cidades de Muros – crime, segregação e cidadania em São Paulo, Teresa Caldeira pesquisa a fala do crime na capital paulista. As entrevistas revelam o estereótipo do criminoso, associado na maioria dos casos retratados pela pesquisadora com nordestinos.



## II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance”(idem,8). O autor fala ainda sobre o que ele denomina “medo derivado”, um sentimento de ser suscetível ao perigo associado à vulnerabilidade e insegurança. Tal medo é social e culturalmente reciclado, e está associado à visão do mundo que o indivíduo possui e, caso haja uma interiorização de insegurança e vulnerabilidade, o indivíduo recorrerá a reações próprias da ameaça imaginada. O que o autor chama de “capacidade de autopropulsão”.

A busca por moradias fortificadas – uma das características da Barra da Tijuca – leva-nos a considerar que o medo da violência urbana numa cidade como o Rio de Janeiro passa pela concepção de vulnerabilidade que fundamenta a criação de instrumentos de defesa, de proteção. Os condomínios fechados repletos de segurança, câmeras 24 horas, alarmes, grades, cercas eletrificadas, janelas blindadas, entre outros, são reflexos de que o medo nas grandes cidades institui dispositivos que tornam a vida com medo em algo suportável.

Enquanto para Yves (idem, 8), a violência é o uso da força de caráter violento contra algo ou alguém, Muniz Sodré (1992) avalia a violência como uma ruptura da força de forma desordenada e explosiva, que motiva a delinquência e outras ilegalidades nomeadas pelo Estado. Essas agressões, que ele chama de violência anômica, podem ser entendidas como: assaltos, crimes de morte, massacres e variantes. Nas suas análises, o autor confronta esse modelo de violência (ato de violência) ao modelo de violência institucional (estado de violência), determinada pela inércia dos indivíduos frente à brutalidade dos órgãos burocráticos do Estado. De tal maneira, os indivíduos se vêem destituídos de força pelos aparelhos e estruturas sociais.

É exatamente esse “estado de violência” (1992) que consideraremos como a causa da violência das grandes cidades. Como veremos mais adiante, Bauman traça o paralelo entre os modelos de modernidade líquida e sólida e é justamente na transição entre as “modernidades” que as desigualdades sociais se enraízam.

Por essa percepção, Muniz Sodré pensa a violência como um processo de encadeamento, que gera um efeito de circulação sequencial na coletividade. É importante pensar para esse trabalho a maneira como o autor coloca, não somente a comunicação de massa como definidora dos modelos de encadeamento, mas também como o urbanismo e a arquitetura – nesse trabalho específico, ambos são



## II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

imprescindíveis – acompanham as mudanças culturais que transformam as atitudes humanas. É pelos contatos encadeantes, e por isso contagiantes, que a operação de epidemia se faz possível na disseminação da violência urbana, porque expõe uns aos outros à circulação, a um espaço que se torna geograficamente habitado estruturalmente de maneira marginal pelo sistema moderno de urbanização e produtividade. O paradoxo brasileiro é percebido quando a balança comercial está em superávit; o “risco Brasil” atinge índices cada vez menores; armamentos e meios de transporte e comunicação sofisticados; ao mesmo tempo em que convivemos com pobreza, miséria, narcotráfico, favelas. O paradoxo contemporâneo convive entre a proximidade da ostentação e da miséria.

Valendo-nos do conceito de contra-racionalidade de Milton Santos, podemos pensar a violência das grandes cidades como algo que não se instaura a partir das regras das instituições legitimadas e hegemônicas do Estado, mas, ao contrário, a partir da sua ausência. É dessa lógica de reinventar o cotidiano que é possível retirar a seiva para novas maneiras de compor o Estado, o estado de exceção, ou estado paralelo, que gradativamente se instaura nas ruas e bairros das metrópoles brasileiras. A conexão pode ser analisada a partir das notícias de milicianos “donos” de comunidades, de traficantes que controlam as entradas e saídas de favelas, de ricos empresários que burlam as leis tributárias, de pertencentes às classes média e alta, que buscam maneiras e prerrogativas de manterem suas condições de privilegiados.

Uma metrópole é turbulenta, e concilia em seus limites – se é possível falar em limites para uma metrópole – o bem e o mal inerentes a qualquer sociedade (MAFFESOLI, 2004, 28), uma vez que para o autor não é possível pertencer a um local sem que concomitantemente haja um sentimento de alteridade, de contrários. Os desprivilegiados de uma sociedade são reais e mesmo que marginalizados ou estigmatizados ainda assim são sombras e compõem indubitavelmente o espaço real – aquele no qual a cidade conjura seus diferentes homens e apresenta uma “vida em ambivalência”, em que o bem e o mal fazem parte simultaneamente, não um ou outro. Essa é a realidade da cidade que o medo transforma em “ou”, na tentativa desenfreada e desesperada de sobrevivência frente às mazelas das diferenças sociais.



## II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

A Barra da Tijuca e os bairros próximos, como Joá, Itanhangá, Vargem Grande e Recreio buscam proteger seus moradores da realidade de uma grande cidade, representada como confusa, plural, violenta. Esses espaços minimizam a convivência com o diferente e propõem moradias entre a beleza do mar, a tranquilidade com a natureza e, ao mesmo tempo, o acesso ao que há de melhor no consumo e lazer. Prometem em suas propagandas o bucólico e o urbano em um só lugar, como mostra a pesquisa de Ricardo Ferreira Freitas (2005), na qual numa análise do jornal carioca O Globo analisou nas edições do jornal de 2002 a 2005 as matérias referentes à Barra da Tijuca e as propagandas de residências no bairro. Pela pesquisa, há uma contradição entre as notícias veiculadas – sobre assassinatos, brigas e tráfico de drogas - e a redação publicitária – que exalta a pureza do ar, a praia, o clima bucólico. A realidade urbana incomoda, assombra e põe em risco a continuidade da fantasia de um mundo em perfeita harmonia.

Um dos importantes questionamentos que deve ser feito sobre o temor nas grandes cidades é determinar a origem do medo. No caso específico da cidade do Rio de Janeiro, o medo de que tratamos é aquele da violência urbana, que se estampa tanto no cotidiano de seus moradores quanto na imprensa, nas rodas de discussão ou nos subterfúgios encontrados “criativamente” para escapar de assaltos, de tiroteios, dos pedintes, de balas perdidas. Ou seja, das muitas faces da violência urbana que se evidenciam algumas vezes nas vestes dos diferentes, do outro, daquele que não faz parte dos encantamentos da cidade maravilhosa, que não aparece no cartão postal.

Os muros, embora bem rígidos, não são capazes de impedir que o “mal” associado ao que está de fora seja construído mesmo com estruturas tão assépticas. Ou então, a vida bucólica associada aos condomínios da Barra da Tijuca não seria colocada em xeque quando tais “paraísos” também são produtores de violência urbana.

A busca por refúgios faz parte da condição humana de sobrevivência. Se nos primórdios os homens buscavam as cavernas para se proteger das variações climáticas e da ferocidade de certos animais, nas grandes metrópoles do século XXI é cada vez mais abundante o número de famílias que buscam as modernas cavernas urbanas, construídas em áreas afastadas do frenesi e da heterogeneidade características dos centros urbanos. Enquanto as antigas cavernas limitavam a realidade externas a sombras em suas



## II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

paredes, os atuais refúgios criam novas concepções de realidade entre os muros e reconfiguram a idéia de cidade até então concebida. Tais lugares criam em seus limites um novo conceito de urbanidade, no qual micro-cidades são traçadas em espaços privativos, limitados e essencialmente direcionados a homogeneidade.

Chamada de a Miami brasileira por Carlos Lessa (2000), o bairro da Barra da Tijuca, área nobre do Rio de Janeiro, está localizada na Zona Oeste da cidade, e faz parte da Região da Barra da Tijuca, que abrange além do bairro com o mesmo nome, os bairros Camorim, Grumari, Itanhangá, Joá, Recreio dos Bandeirantes, Vargem Grande e Vargem Pequena. Apesar de ser a menor região em população da cidade, os dados demográficos indicam que a região foi a que mais cresceu no Município, na década de 1990, cerca de 44%. Com um alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), de acordo com o Censo do IBGE de 2000<sup>6</sup>, sua densidade bruta de 10,5 habitantes por hectare é a menor entre as 12 regiões do Plano Estratégico que compõem o Município<sup>7</sup> - uma área de 16.559 hectares, na qual residem 174.353 habitantes, segundo o mesmo Censo.

No mesmo documento do Plano Estratégico são definidas diretrizes voltadas para os potenciais da região, como lazer, turismo, negócios, plano urbanístico moderno, e preservação ambiental. A região que compõe a Barra da Tijuca já surge com a proposta de transformá-la em um lugar dos sonhos, que conjurasse no mesmo espaço elementos determinantes e falíveis na cidade do Rio de Janeiro, como a questão do meio ambiente e de segurança; e concomitantemente se tornasse uma “catedral do consumo”, com shoppings, salas de teatro, complexos de cinemas e parques aquáticos. Entre as estratégias que pautam o desenvolvimento da Barra da Tijuca, se destacam o desenvolvimento de ações para fortalecer os negócios voltados para a atividade de lazer; fortalecimento do setor de turismo; revitalização do setor de serviços; ações de preservação, manejo e recuperação e educação ambiental; e desenvolvimento de programas complementares de melhorias nas condições da qualidade de vida.

Tais propostas já são colocadas em prática desde a contratação do urbanista Lúcio Costa, no final da década de 1960, para criar um novo modelo urbano para a

<sup>6</sup> Esses são os dados mais recentes do Censo, que será refeito em 2010.

<sup>7</sup> Utilizei para complementar os dados do Plano Estratégico Regional, do município do Rio de Janeiro.



## II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

cidade. Essa nova concepção trouxe ao Rio um novo jeito de morar; o que para Janice Caiaffa (2007) é uma produção nos moldes dos subúrbios dos Estados Unidos.

A respeito do conceito de subúrbio, é importante destacar que o termo no Rio de Janeiro apresenta outra conotação. O sociólogo Pedro Costa (1993) explica que, principalmente para os moradores da Zona Sul da cidade, subúrbio é considerado o espaço em que os cidadãos de uma mesma cidade têm comportamento que se desviam do modelo elitista. Os moradores do subúrbio “se pautam por uma conduta considerada por pessoas de níveis socio-econômicos mais altos como um misto de traços tradicionais, grotescos, folclóricos e pitorescos.” (idem, 19). Essa concepção é distinta do conceito de subúrbio americano. Para a diferenciação o sociólogo se utiliza do conceito definido pela Encyclopedia of Urban Planning, para a qual os subúrbios são compactamente desenvolvidos e contornam a área central da cidade em uma área metropolitana. As ruas largas cedem espaços aos automóveis, uma concepção do urbanismo americano de ruas orientadas para carros, as quais são propícias à circulação, à velocidade. É essa velocidade das avenidas da Barra da Tijuca que a torna, entre outros aspectos, tão diferente da cidade que a contém, porque o Rio de Janeiro – a exceção da Barra – é composto de um emaranhado de redes, de pedestres que dividem os espaços com o trânsito, de poluição, de misturas.

O resultado de uma Barra da Tijuca orientada para a velocidade propiciou uma segregação entre o bairro e o restante da cidade, que acentua as diferenças o bairro e a cidade. A imensa capacidade da cidade em suscitar criatividade - gerar mudanças e novas combinações, possíveis pelo amálgama de diferentes vozes - dá a vez a um apartheid que exacerba o individualismo. Por tal percepção, cria uma sociedade em ritmo de progressão geométrica cada vez mais maniqueísta, que tenta a todo custo deixar de lado “a parte do diabo” (Maffesoli, 2004), tão essencial para a base da sociedade e da estrutura urbana. Nas megalópoles do século XXI - cidades cartesianas, nas quais a heterogeneidade se faz pela mistura podemos encontrar nas novas concepções urbanas resquícios dessa segmentação, como nas moradias definidas por Teresa Caldeira (2000) como enclaves fortificados.

Podemos utilizar o próprio Maffesoli (1998) para quem a busca pelo refúgio seja o cimento social que garante uma proximidade, mesmo que ela esteja longe dos ideais





## II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

de solidariedade que o “estar junto” possa sugerir. Seja como for, o reencantamento do mundo para o autor passa pelo que ele chama de “pendurância societal”, que é a capacidade de resistência das massas. A Barra da Tijuca com seus números que a aproximam de um lugar dos sonhos pode - ou poderia, já que a “parte do diabo”<sup>8</sup> é imprescindível a qualquer realidade - estar conjurada nessa obstinação. O deslocamento da cidade para micro-cidades instaladas no interior do bairro representa a fuga da violência, o que de diabo há na sociedade. A cidade se reinventa de alguma maneira nesses locais de busca incessante da assepsia urbana. Como uma caixa chinesa, a Barra da Tijuca se descortina em outras pequenas “barras”, que são os condomínios fechados. Seguindo a mesma lógica do bairro, os condomínios reproduzem as mesmas concepções de segurança, de velocidade, e de aviltação à proximidade. Cada um dos condomínios reproduz a noção de cidade, contendo shoppings, ruas largas e segregação.

Ao mesmo tempo em que se abre para a o mundo com suas características globais, o bairro segue a lógica das tribos de Maffesoli (1998) e se fecha sobre si próprio. E já que o próprio autor nos diz que tudo tem seu lugar na realidade social (idem,1996), o instante obscuro se mostra como parte integrante desse paraíso. O que para Barbero (2002) revela a cidade como o espaço em que se concentram os pesadelos que atemoriza e as esperanças que nos mantêm vivos.

Pois a cidade não é só um entorno que ambienta o que fazer e o fazer-se do homem mas é – ainda, no degradado meio ambiente das cidades de hoje – seu mundo. E seguir desejando nostalgicamente o tempo de uma cidade sem deterioração e caos não só é escapar por uma brecha metafísica aos desafios da história mas nos impedir de assumir ativamente os materiais dos quais está feita.( idem, 275).

É por essa lógica de normalidade no caos da cidade que podemos entender como, no espaço do sonho, encontramos a sombra do terror, justamente daquilo que se propõe a escapar quando se opta por viver sob a proteção e a prisão das grades dos condomínios. Pelos dados do Plano Estratégico da Prefeitura do Rio de Janeiro, que se baseia no último censo do IBGE, o bairro da Barra da Tijuca saltou de cerca de 60 mil habitantes em 1991 para cerca de 90 mil habitantes em 2000. Os números revelam que se na cidade do Rio de Janeiro a renda mínima da população era entre 2 e 3 salários

---

<sup>8</sup> O termo foi cunhado por Maffesoli no livro “A Parte do Diabo”, 2004, mencionado nesse trabalho.



## II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

mínimos, no bairro da Barra da Tijuca esse valor variava de 24 a 46 salários mínimos<sup>9</sup>, a taxa de alfabetização da cidade era de 84% a 87%, enquanto no bairro o índice beirava de 87% a 99%; e os cidadãos com nível superior na Barra estavam entre 28% a 57%, quando os números de toda a cidade beiravam no máximo 3%.

Ao mesmo tempo, de acordo com os dados do Instituto de Segurança Pública (ISP) – do qual o bairro da Barra da Tijuca está inserido com os outros 7 bairros que compõem a região da Área de Segurança Pública 31 (AISP) – mostram que a região não escapa da violência urbana da qual tenta fugir. Nos meses de junho e julho de 2007, a região, que na época se preparava para receber as delegações dos países do continente americano para os jogos Pan Americanos que aconteceria em julho, entretanto registrou, de acordo com os dados do ISP, 2.455 registros de ocorrência policial (RO), que não incluem os números de acidentes de trânsito, mas apenas as vítimas.

### **Imprensa e violência**

Pautar, correr, perguntar. Ler, escrever, apagar e refazer. Editar, “dar” acabamento e imprimir. Diariamente, milhares de centenas de notícias são produzidas incessantemente nas redações dos jornais de uma grande cidade como o Rio de Janeiro. Assim como a escrita de um romance, o valor da obra de arte dos jornalistas está em produzir para a reprodução. Muito além do valor teológico proposto pelo conceito de aura de Benjamin - para quem a noção de aura está ligada à autenticidade, ao valor do “aqui e agora” que algo original possui por sua história e existência únicas - a aura das notícias é encontrada justamente no seu oposto. Os meios de comunicação de massa pautados pela informação têm sua autenticidade na capacidade de reprodução, possível desde a tiragem de milhares de exemplares à repercussão que a notícia atinge.

Enquanto as novas técnicas do início do século XX proporcionavam às reproduções altos padrões de qualidades, as técnicas de reprodução dos meios de massa impressos transformam o cotidiano em palavras, submetendo-o a transformações profundas ao representá-lo. Mais do que propor uma oposição entre o objetivo e o subjetivo da realidade, é importante compreender os meios técnicos de reprodução dos fatos como o olhar que representa. Diferente das reproduções de objetos, a reprodução

---

<sup>9</sup> O salário mínimo brasileiro na época do último Censo (2000) era de R\$ 136 reais.



## II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

dos fatos não atinge essa autenticidade, como também, por isso, não se pressupõe que seja resultado de falsificação. O autêntico está no fato em si, que se perde em seu instante e só o que sobra é seu testemunho, reproduzido pelos meios de comunicação.

Crer, no entanto, que essa representação se impõe aos indivíduos expostos à informação é não considerar que a representação se refaz na leitura. O caráter de real é algo socialmente produzido (Sodré, 1992) e como tal não se limita à reprodução do discurso da mídia, mas se reinventa, questiona e cria novos enredos. Frente ao poder da mídia, os indivíduos reempregam usos, num repertório de operações próprias. É o que Certeau (2004) define como tática, uma ação que se desenvolve fora do postulado de poder. Supor real a figura do arrebanhamento dos indivíduos pelos meios de comunicação é ignorar a capacidade de resignificação dos conteúdos.

É partir dessas concepções de abertura e de singularidades individuais e coletivas que pretendemos seguir para a análise que corresponde ao último capítulo da dissertação. Compreender que as representações da violência nos meios de comunicação não são fechadas e imutáveis é reconhecer a potencialidade da leitura em recombinar fatores que, mesmo explícitos, mostram-nos outros ângulos possíveis.

### Referências bibliográficas

BAUMAN, Zigmunt. *Medo Líquido*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Ed Zahar. Rio de Janeiro, 2008.

BRETAS, Beatriz. Interações cotidianas. In: *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. César Guimarães e Vera França (org). Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2006.

CAIAFA, Janice. *Aventuras das Cidades*. Rio de Janeiro. FGV, 2007

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. *Cidades de muros: crimes, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo. Edusp/Editora 34, 2000;

CALVINO, Ítalo. *Cidades invisíveis*. O Globo. Rio de Janeiro, 2003

CANCLINI, Nestor. Imaginários Urbanos. *Culturas Extremas – mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

COSTA, Pedro. *Sociologia sobre e suburbana*. EDUFF. Niterói, 1993



## II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano – Artes de Fazer*. Vozes. Petrópolis. 2004.

DURKHEIM, Émile. As Formas Elementares da Vida Religiosa. In: *Os pensadores*. Abril Cultural, SP. 1983. (p. 203 – 245).

FREITAS, Ricardo e NACIF, Rafael (org.). *Destinos da cidade: comunicação, arte e cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005.

JAGUARIBE, Beatriz. *Fins de século: cidade e cultura no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Ed. Rocco, 1988;

KIENTZ, Albert. *Comunicação de Massa – Análise de Conteúdo*. Ed: Eldorado. Rio de Janeiro. 1973.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Ed. Cotriz. São Paulo. (s/data).

MAFFESOLI, Michel. *A parte do diabo – resumo da subversão pós-moderna*. Rio de Janeiro. Record, 2004.

\_\_\_\_\_. *No fundo das aparências*. (231 a 350) Petrópolis. Vozes. 1996.

\_\_\_\_\_. A Comunicação sem fim. In: *A Genealogia do Virtual – Comunicação, cultura e tecnologia do imaginário*. MARTINS, Francisco Menezes. SILVA, Juremir Machado (org.). Ed. Sulinas. Porto Alegre, 2004.

MARQUES, Gabriel Garcia. *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro. Record. 2001.

MICHAUD, Yves. *A Violência*. Editora Ática, 1989.

MORIN, Edgar. *Método 6 – Ética*. Sulinas. Porto Alegre. 2007.

MOUILLAUD, Maurice. *O jornal – da forma ao sentido*. 2ª Ed. UNB, 2002. Página 28 a 47.

SODRÉ, Muniz. *O Social Irrradiado – Violência Urbana, Neogrotesco e Mídia*. Cortez. São Paulo, 1992.